

Pinah Ayoub

A estrela de Maria da Penha Ferreira, a Pinah da escola de samba Beija-Flor de Nilópolis, ganhou fama internacional em 1978, quando sua ginga conquistou o príncipe Charles, da Inglaterra, levando-o a sambar desajeitadamente ao seu lado.

Pinah nasceu em Minas Gerais, cresceu no Rio de Janeiro e mora em São Paulo há mais de 20 anos.

Em 1978, uma cena curiosa invadiu os lares brasileiros. O príncipe Charles, herdeiro do trono inglês em visita oficial ao Brasil, arriscou-se a sambar ao lado de uma princesa negra, careca e quase desnuda, de nome Pinah. Os trejeitos mecânicos do Príncipe, ao lado dessa figura exótica que movimentava inventiva e harmoniosamente seu corpo, provocaram uma cena insólita e aparentemente sem significado.

Entretanto, tratava-se do encontro de dois mundos que, ao longo da história, sempre se encontraram sob a égide de dominação unilateral. Nada poderia, então, causar tanto espanto como a reverência da realeza inglesa a uma mulher representante da raça negra, que traz dentro de suas entranhas as lembranças de uma época de submissão escrava. Esse encontro, talvez possível somente no Brasil, e no desfile da Mangueira na avenida, claro, onde segundo Freyre (1987), a casa grande e a senzala possuíam zonas sociais de intersecção, produz também uma caricatura do encontro do mundo racional e previsível com a intuição e imprevisibilidade, representadas pelo bailado da Pinah.

Pinah, destaque da Beija-Flor, rememora 30 anos de escola

A figura negra e calva de Pinah faz parte do imaginário carnavalesco do Rio de Janeiro e também de São Paulo. Destaque da Beija-Flor há 30 anos, ela é praticamente patrimônio da escola:

desfila pela diretoria, já excursionou pelo mundo junto da escola apresentando o samba e já foi homenageada pela própria, em 1983. Já em São Paulo, ela pode ser vista no Palácio das Plumas, gerenciando o comércio que fornece material para praticamente todas as agremiações paulistanas (cujo proprietário é seu marido, Elias Ayoub).

Em entrevista à TV UOL, após participar de Bate-Papo com os internautas, Pinah relembra alguns causos que coleciona nesta história junto à Beija-Flor. Entre eles, destaca-se episódio em que dançou com o Príncipe Charles, na Inglaterra, em 1978, durante breve apresentação que fizeram no Palácio de Buckingham.

A história foi, inclusive, lembrada em 1983, quando personalidades da Beija-Flor foram homenageadas no sambarenredo. Ela mesma canta, durante a entrevista, a parte que lhe toca: ""É Pinah é Pinah, a cinderela negra que o príncipe encantou".

Pinah começou com desfiles de moda. A primeira vez que foi para a Marquês de Sapucaí foi pela Salgueiro. Porém, Jésus Henrique (de quem era manequim) e o amigo Joãosinho Trinta a convidaram para participar do Carnaval pela Beija-Flor. Desde então, 1976, não parou mais. A última vez que subiu um carro alegórico foi em 1993, no polêmico desfile com o tema "Ratos e Urubus" (que teve um Cristo Redentor coberto de saco de lixo). Mas nunca deixou a avenida.

"Desejo que todos brinquem nessa folia que é a maior maravilha do mundo. É uma energia tão grande que eu não gostaria que tivesse violência", diz Pinah.

O Beija-Flor: Como foi seu primeiro contato com a Beija-Flor e em que ano você desfilou pela primeira vez?

Pinah: Eu desfilava no Salgueiro, era o tricampeonato do Salgueiro em 1975. Jésus Henrique - eu era manequim dele - e o amigo Joãosinho Trinta, me convidaram. Na realidade eu fui para a Beija-Flor no meio de 1976, desfilei oficialmente em 1977 com Vovó e o Rei da Saturnália na Corte Egípciana quando a Beija-Flor foi bicampeã do carnaval.

O Beija-Flor: Depois de um certo momento, sua imagem passou a confundir-se com a própria Beija-Flor. Como você definiria sua relação com a escola?

Pinah: Uma ajudou a outra. Na época eu ajudava a Beija-Flor e a Beija-Flor me ajudou. Hoje existem pessoas características que marcam a Beija-Flor, podem não querer, mas quando falam de Beija-Flor tem que falar de Pinah, de Neguinho da Beija-Flor, do Anísio, do Laíla, até de Joãosinho Trinta mesmo ele estando em outras escolas. Tem gente que faz confusão e acha que Joãosinho Trinta é Beija-Flor ainda hoje.

O Beija-Flor: Muitas pessoas que torcem pela Beija-Flor, gostariam que Joãosinho Trinta voltasse...

Pinah: Mas é difícil, teve uma época que até seria possível. Hoje eu digo, de cadeira, que é difícil.

O Beija-Flor: Acabada a era Joãosinho Trinta em 1992, a Beija-Flor passou por Maria Augusta, Milton Cunha e agora está com uma comissão de carnaval, que foi a inovação do carnaval carioca desde 1998. É uma evolução do carnaval?

Pinah: É uma boa, inclusive eu gosto muito da comissão. Admiro muito o trabalho deles, acho excelente essa idéia que o Anísio lançou e deu certo. Mesmo aqui em São Paulo o Camisa Verde e Branco hoje tem uma comissão de carnaval, sem a figura de um camavalesco apenas.

O Beija-Flor: O que Joãosinho Trinta representa ou representou na sua vida carnavalesca?

Pinah: O Joãosinho Trinta até hoje, mesmo em outras escolas, diz que é meu criador. Ele é o criador, mas imagine ficar enraizado ao criador até hoje? Você tem que criar asas e voar. Já pensou se todas as galinhas quando tivessem os pintinhos ficassem com eles sempre debaixo da asa? Vão ser crianças, jovens, adultos, e aí? Eu admiro, tenho um respeito muito grande pelo Joãosinho Trinta, mas a gente tem que voar. Não quero voar mais alto que ele, pois não é a minha pretensão, mas tenho que voar.

O Beija-Flor: Como é seu envolvimento com a Beija-Flor atualmente? Você participa da escola ou vai para o Rio de Janeiro apenas para desfilar?

Pinah: Eu desfilo na diretoria da escola. Tudo o que for possível da minha pequena contribuição e a diretoria achar que eu possa fazer, estarei pronta, até de bengala, para ajudar a Beija-Flor.

O Beija-Flor: Você já fez muito pela Beija-Flor, é o nome Pinah que marca a escola, o que não seria “uma pequena contribuição”

Pinah: Você sabe que infelizmente é assim a vida. Minha era foi nos anos 70 e 80, depois aparecem outras pessoas. Você tem que saber dividir esse momento.

O Beija-Flor: Sobre as musas do carnaval existem as que passam e as que são eternas, categoria na qual você está. O que você acha atualmente destas pessoas que surgem como símbolos de determinadas escolas de samba?

Pinah: Eu acho muito importante e até admiro muito você radicar numa escola. Não ficar igual a ping-pong, hoje se está na Beija-Flor, outro dia na Mangueira, depois na Viradouro ou na Portela. Você tem que ter uma diretriz porque hoje é muito difícil o que eu fiz nas décadas de 70 e 80 na Beija-Flor. Não sei se é por contratação. Parece que as pessoas não têm mais amor à bandeira da escola. Eu costumo dizer que poucas bandeiras vão estar no meu caixão quando eu morrer e a da Beija-Flor é uma delas.

O Beija-Flor: Há algum momento marcante nestes seus inúmeros anos de carnaval?

Pinah: Tive muitos momentos. Conhecer meu marido Elias é um deles. É por causa do carnaval que conheci meu marido aqui na loja quando buscava material para a Beija-Flor. Uma outra grande emoção foi quando vi minha filha Cláudia desfilando como destaque de carro alegórico em 1998 quando a Beija-Flor foi campeã.

O Beija-Flor: E um momento marcante na Passarela desfilando como destaque?

Pinah: O Desfile de 1983 (A Grande Constelação das Estrelas Negras) quando eu fui homenageada pela própria Beija-Flor e que a escola também foi campeã.

O Beija-Flor: Você acredita que sua filha Claudia seguirá seu mesmo caminho na Beija-Flor?

Pinah: Não sei, dizem que os filhos são seus, mas ao mundo pertencem. Se ela tiver que ser, tudo bem, eu acho que o destino dela já foi traçado quando ela nasceu. Se ela vai me seguir, eu não sei, mas ela é Beija-Flor doente e não se fala em outra escola de samba em casa. Até meu marido que era Mocidade virou Beija-Flor por causa dela, não tem como se discutir isso com ela.

O Beija-Flor: Com o episódio da visita do Príncipe Charles ao Brasil seu nome virou destaque no mundo inteiro tornando-se uma estrela. O que significa ser a personificação da maior festa brasileira, o carnaval?

Pinah: Hoje não é tão sério. Antes as pessoas levavam isso muito a sério como uma pessoa que opera, um médico ou um advogado. Então também ser destaque de uma escola de samba era muito importante. Pelo menos pra mim era sagrado. Era como se eu estivesse entrando num centro cirúrgico para operar uma pessoa, era muito sério. Foi uma fase muito bonita da minha vida, que hoje, graças a Deus, tudo o que tenho, agradeço a isso.

O Beija-Flor: Você é negra e mulher, duas condições historicamente vítimas de preconceito. Você já passou por alguma situação difícil em função de tais características?

Pinah: Eu vou ser sincera, não sei se vivo num outro mundo devido a viajar muito, conhecer muito o mundo, mas só lembro que sou negra quando eu olho no espelho. Não vejo diferença. Sou um ser humano, uma mulher que batalha, que lutei e levantei minha bandeira. Acho que cada um deve ter seu espaço para trabalhar desde que seja com dignidade e com caráter. Não tenho ou passei por esses problemas, graças a Deus, até o momento presente. Assim, de brincadeira, eu esqueço que sou negra porque eu me chamo trabalho, eu quero trabalhar e deixar um bom exemplo para minha filha. Amanhã, quando eu morrer, minha filha vai dizer que sua mãe foi negra, honesta, teve um bom caráter e passou isso para ela.

O Beija-Flor: No auge da sua beleza e importância você decidiu abandonar a posição de destaque retornando como membro da diretoria. Este ano você foi convidada para personificar a rainha Agotime, mas declinou do convite. Por quê? Foi realmente a religião que determinou que você não poderia desfilar este ano?

Pinah: Eu não me afastei da Beija-Flor, não foi uma decisão minha parar de sair de destaque, tanto é que o Anísio sempre me convida para desfilarmos de destaque na Beija-Flor, só que eu tenho um problema espiritual. Tem anos que eu não posso nem ficar lá na avenida. Em 25 anos de Beija-Flor apenas em 2 eu não pude ir para a avenida. Num ano eu fui para Disney porque não pude ficar aqui no Brasil e em 2001 fui proibida de ir para a avenida por causa do enredo. Então eu fui para um hotel em Itu descansar.

O Beija-Flor: Você é uma pessoa muito espiritualizada. Como é sua relação com a religião e no que ela influencia sua vida?

Pinah: Eu obedeco, sou espírita, não sei os fundamentos, mas quando me dão uma ordem eu obedeco.

O Beija-Flor: A decisão de não desfilar como destaque pode se tornar definitiva, mesmo que a Beija Flor venha a fazer um desfile lembrando a história da escola do qual você é e sempre será referência?

Pinah: Eu não desfilo mais de destaque. Não é porque eu não queira ou porque engordei até porque hoje você faz o corpo que quiser. É por causa da minha parte religiosa. Recebi uma ordem dizendo que não posso mais subir em carro alegórico. Se vocês observarem, mesmo quando vou de diretoria na escola, sempre estou de branco liso, nada que tenha brilho eu posso colocar na avenida e por isso não desfilo mais como destaque. Pensa que eu não gostaria? São 25 anos na minha escola e eu não gostaria de estar lá? Não posso mais ser destaque a não ser que a parte espiritual me libere, mas eu acho muito difícil, há 10 anos que eles não me liberam.

O Beija-Flor: Qual foi seu último desfile como destaque?

Pinah: Foi em 1989 com Ratos e Urubus, larguem minha fantasia.

O Beija-Flor: Você acha que este desfile entrou para a história?

Pinah: Eu acho. Já acompanhei muitos e muitos anos com Joãozinho Trinta, mas nunca mais vai se fazer um desfile como Ratos e Urubus. Ele pode querer renovar do jeito que for, mas um enredo igual aquele ele não faz mais.

O Beija-Flor: Atualmente o carnaval, utilizando-se artisticamente de muitos recursos plásticos, visuais e tecnológicos, transformou-se no maior espetáculo da Terra. Você mudaria a iluminação do Sambódromo para algo mais teatral como é a proposta do Joãozinho Trinta?

Pinah: Sim, eu acho aquela iluminação um horror. Acho que agora está na hora de renovar como a Beija-Flor fez em 1976 com o enredo Sonhar com Rei da Leão. Foi a primeira inovação da Beija-Flor. Depois teve a outra em 1989 com Ratos e Urubus larguem minha fantasia. Acho que está na hora de alguém, não sei quem, fazer uma renovação, não sei de quê, não sei o quê, mas uma renovação.

O Beija-Flor: Joãozinho Trinta colocou alguém voando na avenida este ano...

Pinah: Foi bárbaro! Acho que tem que ter renovação, não pode ficar nesse negócio de técnico e aquilo do marcha, marcha, marcha. Tem que ter inovação senão daqui a pouco o carnaval vai ficar cansativo, vai ficar tudo a mesma coisa só mudando as cores das roupas, uma vai ser azul e branco, outra vermelho e branco, outra verde e branco e outra verde e rosa. Tem que ter inovação.

O Beija-Flor: Qual o melhor carnavalesco das escolas de samba?

Pinah: Para mim, falem o que quiser, o melhor carnavalesco, ele vai morrer sendo o eterno melhor carnavalesco, é Joãozinho Trinta. Eles, falam, falam, falam, mas todos são cria de Joãozinho Trinta. Trabalharam ou fizeram estágio. Fala um que não fez alguma coisa com Joãozinho Trinta? Acho que só o Renato Lage, mas a proposta dele é totalmente diferente. A maioria dos outros passou pela escolinha de Joãozinho Trinta.

O Beija-Flor: Que nota você dá para a administração de Luis Pacheco Drummond frente à Liesa?

Pinah: Zero. Eu não concordo com três anos que a Beija-Flor perdeu por meio ponto. Eu contesto a maneira como é conduzida a votação. Uma escola que desfilou no domingo tem que ter votação no domingo e a escola que desfilou na segunda tem que ter votação na segunda pois o jurado vai para casa, vai para o hotel, ou para onde quer seu seja, e vai ver a reprise das coisas. Foi o que aconteceu este ano, porque se o jurado tivesse dado a nota não

teria como apagar a votação e botar outra no dia seguinte. O cara vai assistir e não vota no domingo, na segunda-feira ele vai votar tendo visto todos os comentários do domingo. O jurado que analisou o desfile não via que quebrou um pedaço do carro esse ano, não tinha como ver. O que aconteceu no carro alegórico da Beija-Flor não dava para o jurado ver, ou foi alcagüetagem ou viu em alguma emissora de televisão. Dá a impressão de voto manipulado. Será que os jurados não enxergam? Tem coisas que acontecem na frente de determinados jurados e tiram 10.

O Beija-Flor: Na sua opinião, o povo está definitivamente fora do carnaval? O que fazer para recuperar uma participação popular mais efetiva no carnaval?

Pinah: Na Beija-Flor a comunidade de Nilópolis tem umas 5 alas que desfilam bancadas pelo presidente da escola, neste aspecto o povo não está de fora não. Eu costumo dizer que na avenida quem desfila não tem credo e não tem poder aquisitivo. É o único momento na vida no qual ser desembargador, ser o presidente da república ou ter qualquer posição social não faz diferença. É todo mundo é igual, é povo.

O Beija-Flor: Mas com relação a quem está assistindo o desfile no sambódromo?

Pinah: Aí o povão está fora do carnaval. Hoje você vê muito mais turista na avenida do que o povão. Não sei se é por causa do custo, que é alto, mas acho que deveria ter um preço acessível ao povão ou intercalar. Mesmo onde tem o estrangeiro, botar um pouco de povão. Hoje você passa no desfile com uns setores na avenida que são frios, sem empolgação. Acho que está faltando isso na avenida.

O Beija-Flor: Os setores 6 e 13 onde os ingressos são baratos e onde ainda se encontra o povão são bem afastados da avenida, do desfile. Isso tira um pouco da emoção?

Pinah: Eu não sinto isso porque quando eu chego na avenida, seja na primeira arquibancada ou no final, nos setores 6 e 13, vou lá me apresentar para o povo e sinto aquele calor do povão. Eu não sei se toda a escola tem esse calor humano que a gente fala, que é uma coisa muito importante, que é o que ajudava a vibrar com a emoção de se desfilar na avenida. Então acho que está faltando o povão em certos setores da avenida.

O Beija-Flor: Você acha que a presença de camarotes de um lado, formando um paredão e arquibancadas do outro lado nos setores 3, 5, 7 e 9 tira um pouco dessa interação do público, de uma maior presença popular e de uma maior emoção aos desfiles?

Pinah: Não, eu acho que poderia ficar assim mesmo, mas só intercalar, mesmo quem vai naqueles setores em frente aos camarotes não é o povão, a maioria ali são pessoas de fora. O povão do Rio de Janeiro, das comunidades, só estão na primeira arquibancada ou naquelas arquibancadas afastadas dos setores finais 6 e 13. Não tem aquela interação, não sei como os dirigentes, ou quem manda lá, poderia intercalar o povão também nestes setores para dar uma aquecida na coisa. Agora só tem aquela coisa de desfile técnico, só ganha desfile técnico! Na minha época não tinha esse negócio de desfile técnico. Tínhamos que empolgar o povo, ter a participação do povão junto com a escola. Hoje não temos mais isso.

O Beija-Flor: A Beija-Flor é uma escola de "chão", essencialmente comunitária. Para você, o que a escola pode fazer em benefício da população nilopolitana, que é tão carente?

Pinah: Uma das coisas que não se divulga é o trabalho comunitário que a família Abraão David faz em Nilópolis. Posso falar porque até hoje acompanho e certas compras para pessoas de lá sou eu que faço aqui em São Paulo e mando para eles no Rio. É um trabalho fantástico, mas o pessoal só sabe falar em contravenção e que são banqueiros de bicho. O trabalho comunitário que se tem lá, que sustentam uma creche que não é dinheiro do governo, ninguém fala. Em Nilópolis quando ele chega (Anísio) é uma festa porque ele ajuda todo mundo sem exceção. São muitos trabalhos, até nos hospitais eles ajudam muito e que seriam de responsabilidade do governo e não das pessoas civis, ninguém comenta.

O Beija-Flor: O Joãozinho Trinta quando foi para a Beija-Flor também ergueu a comunidade de Nilópolis. Ele também fez uma parte social?

Pinah: Fez. Um trabalho de plantar verde na cidade, junto com o apoio da família Abraão David, que sempre foram políticos lá - hoje inclusive o prefeito da cidade é da família (Farid Abraão David, também presidente da Beija-Flor). Junto a esse apoio político que se precisava fizemos mutirões de plantar verde e ensinando as pessoas, até mesmo, a escovar dentes. Hoje Nilópolis é conhecida

mundialmente, todo mundo sabe que em Nilópolis fica a Beija-Flor e foi um trabalho social com a escola de samba.

O Beija-Flor: A integração da escola de samba com a comunidade é muito importante. Em 2001 na Beija-Flor foram dadas cerca de 1700 fantasias para a comunidade desfilarem...

Pinah: Isso sempre foi, não é agora, sempre teve a ala da comunidade. Quem canta o samba da escola é a comunidade. Não é Miss Brasil que vai lá desfilando. É bonita? É! Mas quem vai carregar a escola é o povo, o canto da comunidade. Poucas pessoas que não são da comunidade sabem cantar o samba da escola. A maioria do pessoal, chega na hora do desfile, bota a roupinha e quer aparecer. Agora quem realmente leva a escola, canta o samba e sabe das coisas, é a comunidade.

O Beija-Flor: Você mora em São Paulo atualmente. Qual sua impressão sobre o carnaval paulista? Quais são as principais diferenças entre o desfile das escolas de samba paulistas e cariocas?

Pinah: Cada local tem a sua característica, não gosto de fazer comparação entre os carnavais. São Paulo tem o carnaval típico dele e no Rio tem aquele gingado que já nasce, do molequinho que nasce no morro e que já tem o gingado do carnaval carioca, o gingado malandro do Rio. Tenho que respeitar todos os carnavais porque aqui, em São Paulo, tem seu carnaval típico como tem o Axé na Bahia - que é coqueluche - como tem a festa do boi de Parintins que é um espetáculo, Recife tem o frevo que é uma maravilha, e outros. Então você tem que respeitar isso. Não tem que se disputar qual é o melhor carnaval. Todos têm seus carnavais com características próprias. Não tem que haver comparação de qual é melhor ou é pior. Eu respeito muito o carnaval de São Paulo, só que quando você fala em carnaval, em Brasil, carnaval é no Rio de Janeiro. Pode até ser que amanhã mudem isso, mas eu acho que é difícil.

O Beija-Flor: Já desfilou em alguma escola paulistana?

Pinah: Eu não desfilo em São Paulo porque tenho um comércio aqui e trabalho com todo mundo, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo. Só que o Rio é minha base, eu vim do Rio. São Paulo não. Se eu me envolver numa escola eu tenho que sair em todas, então não saio em nenhuma e sou amiga de todo mundo.

O Beija-Flor: Mas você tem alguma escola preferida em S. Paulo ?

Pinah: Tenho sim, gosto de todas, mas quando eu vim para São Paulo - na época o Joãosinho Trinta fazia o carnaval dessa escola - eu me simpatizei pela Unidos do Peruche.

O Beija-Flor: Na década de 80 existia uma grande presença de estrangeiros nos desfiles das escola de samba do Rio de Janeiro?

Pinah: Não, começou mais na década de 90 a presença maior dos estrangeiros. Eu não tenho nada contra, só acho que na escola de samba a base é a comunidade. É até bom pois divulga o país sem passar a imagem de que no Brasil só tem bandido e assaltos. É bom que os turistas venham, mas acho que devemos intercalar, mesclar com a comunidade.

O Beija-Flor: Muito se critica a forma de transmissão dos desfiles das escolas de samba pela televisão. A grande maioria dos torcedores não pode ir ao Rio de Janeiro acompanhar os desfiles na Sapucaí e acaba vendo o desfile pela TV. Qual a sua opinião?

Pinah: Falo isso a vida inteira, quem está em casa assistindo não sabe começo meio e fim, então não entende nada. Eu entendi esse ano o enredo da Beija-Flor acompanhando pela televisão porque vou pelo menos uma vez no ensaio da Beija-Flor nas férias escolares da minha filha. O pessoal da comissão me manda a sinopse para eu ler e conhecer tudo, antes de todo mundo ver fantasias, ver tudo da escola, eu já vi. Assim vou acompanhando desde quando dá o tema até o desenvolver na avenida. Quando eu posso vou lá na Beija-Flor e volto de lá sem voz porque falo muito no ensaio. Eu acompanho as coisas até mesmo para passar para minha filha, porque amanhã ou depois se alguém chegar para ela e perguntar sobre o enredo ela vai saber responder. Se conversarmos com ela, ela sabe sobre o enredo, ela vai te explicar o que é o enredo. Minha filha vai dizer que Agotime foi uma escrava que veio da África, que passou por Salvador depois foi morar em São Luís do Maranhão, vai te dizer tudo do enredo porque ela sabe e eu acho que tem que saber. Acho que isso é o que interessa. Não adianta você querer só ir para a avenida, botar a roupa e depois ficar lá na frente da câmeras de televisão para aparecer. Se alguém te pede para cantar o samba, falar do enredo, você tem que saber. É a convivência direta com a Beija-Flor que eu tenho.

O Beija-Flor: Para quem vai ao Rio e quer ter esse convívio direto com a Beija-Flor, quais são suas dicas?

Pinah: Em todas as quintas-feiras, nos meses antes do carnaval, tem ensaio técnico na quadra. Tem também o desfile técnico que fazem pelas ruas de Nilópolis, como se fossem desfilando na Sapucaí, só que sem fantasia, com roupa normal. É um desfile fantástico com as alas da comunidade e até mesmo componentes e presidentes das outras alas que desfilam na Beija-Flor.

O Beija-Flor: Você acha que uma eventual saída de intérpretes fiéis como Neguinho da Beija-Flor e Jamelão das suas respectivas escolas de samba pode prejudicar ou descaracterizá-las?

Pinah: Eu acho que é legal você manter algumas pessoas na escola, mas como sabemos ninguém é eterno. Então não se sabe, você já imaginou o Neguinho puxando o samba da Mangueira ou o Jamelão cantando na Beija-Flor? Por mais profissionais que eles sejam - e são excelentes, são os melhores intérpretes da avenida - acho que enquanto podem, devem permanecer nas escolas que começaram. São figuras marcantes das escolas.

O Beija-Flor: No desenvolvimento das fantasias, as plumas artificiais produzem o mesmo efeito que as naturais que são obtidas pelo abate dos animais?

Pinah: As naturais são melhores, mas os animais não são abatidos. Cada ave tem uma época de troca da plumagem, a muda, onde são recolhidas as penas. Nenhum animal é abatido para se aproveitar suas plumas para o carnaval. Hoje existe o abatimento de avestruz para comercialização da carne para consumo e da pele para se fazer sapato, bolsa, mas normalmente existem as fazendas onde na época de muda da plumagem são recolhidas as penas sem abatimento dos animais. No Brasil ainda não existe produção de plumas para atender o carnaval e outras festas, talvez daqui a algum tempo até tenha, pois hoje existem alguns criadores, mas ainda não dá para atender a tudo. As plumas atualmente vêm mais da África e as penas de pavão vêm mais da Ásia.

O Beija-Flor: Este ano a Beija-Flor usou muitas cores no desfile porque o enredo propiciava essa variedade. Você acha que uma escola de samba deve preservar as cores de sua bandeira?

Pinah: Eu acho que os pontos altos de cada escola, porta-bandeira e mestre-sala, bateria, baianas, tem que manter as cores da bandeira da escola. O carnavalesco ou a comissão de carnaval pode brincar, variar nas cores. Se você observa a escola compacta, colorida, de cima, dá um realce no desfile.

O Beija-Flor: Temos muitas escolas nas cores azul e branco e de destaque nacional tem-se apenas uma verde e rosa. Isso acaba chamando mais a atenção?

Pinah: É, tem muito azul e branco, mas azul e branco igual ao da Beija-Flor não tem. O azul e branco da Beija-Flor é único. O azul turquesa da Beija-Flor foi introduzido pelo Joãozinho Trinta.

O Beija-Flor: Qual o recado que você deixaria para os integrantes do grupo O Beija-Flor?

Pinah: Eu acho legal um fã-clube Beija-Flor. Só que ao invés de ser de um artista, vocês são de uma comunidade, devem estar espalhados pelo Brasil e alcançar o mundo. É uma maneira carinhosa de homenagear a escola e a comunidade. É um trabalho maravilhoso que vocês estão fazendo. Agradeço em nome da diretoria e da comunidade da Beija-Flor, pois como eu já disse minha bandeira é Beija-Flor. Que vocês não parem.

Fotografar, conversar e saber um pouco desta mulher carismática, bonita, forte e de um coração imenso é como se estivéssemos sentados na Avenida ouvindo um belo samba enredo e vendo a alegria desfilar. Pinah é tudo isto e muito mais.

Com Almir Saint Clair começou no mundo da moda e Luiz Carlos Ribeiro fez sua entrada nos desfiles das escolas de samba, sendo destaque nas alas pequenas sambando no chão. Conheceu Joãozinho Trinta que junto com Jesus Henrique a levou para o Salgueiro, onde participou do Tri Campeonato. Quando Joãozinho mudou para a Beija Flor não se sentiu muito motivada em sair, mas com o enredo "Sonhar com o Rei dá Leão" Joãozinho fez a Beija Flor estourar e em maio Pinah começou a desfilar na nova escola.

Em 1978 dançou com Príncipe Charles, mas logo conheceu o seu príncipe encantado Elias Ayoub quando comprava detalhes para suas fantasias no Palácio das Plumas. Esta união já está completando 21 anos.

Em 1983 foi enredo da escola "A Grande Constelação das Estrelas Negras" onde o refrão falava seu nome.

Viajou com a Beija Flor quase que o mundo inteiro. Em 1989 deixou de ser destaque, apesar da escola sempre considerá-la. Continua desfilando na ala da diretoria.

Hoje, o destaque é sua filha Claudinha que desfila desde os seis anos. Pinah diz que todos na casa sabem sambar e quem menos samba é a própria, dá para acreditar?

Ri, chora e até fica de mau humor. É realizada, adora ficar em casa e curtir a família de onde tira o conceito de respeito e amor. Tem muitos amigos, mas sabe selecioná-los, pois com eles divide o pão da mesa. Adora olhar nos olhos das pessoas e crê que a honestidade deve ser a prioridade do ser humano.

A felicidade que Pinah sempre transmitiu na Avenida nos faz iniciar um novo ano com muita festa e cantando o refrão de Jõazinho Trinta:

"PINAH, EH, EH PINAH!!!

A Cinderela Negra,

Que ao príncipe encantou,

No carnaval com seu esplendor.

EH,EH PINAH!!!"